

Além disso havia estranhas semelhanças — o tipo de coisa que choca e faz pensar, *Isso só pode ser o plano de Deus*. Meus pais tinham mães que eram enfermeiras e trabalhavam no turno da noite (uma era Helen; a outra, Ellen). Ambos tiveram casamentos curtos aos vinte e poucos anos e tiveram filhas. E talvez a mais estranha das coincidências: ambos tinham dado o nome Pam para as filhas.

Meus pais se casaram numa pequena cerimônia nas Cataratas do Niágara, em 1966. Pouco depois, Papa se mudou para a casa da minha avó Gigi, na North Fifty-Fourth Street de West Philadelphia. Não demorou muito para que juntassem suas habilidades e seus talentos tão diferentes e se transformassem numa dupla eficiente. Mãe-Mãe gerenciava o negócio do Papa: folhas de pagamento, contratos, impostos, contabilidade, licenças. E Papa fazia o que sabia fazer melhor: trabalhar duro e ganhar dinheiro.

Mais tarde os dois falariam com carinho desses primeiros anos. Eram jovens, apaixonados, ambiciosos e estavam subindo na vida.

Meu nome completo é Willard Carroll Smith II — *não Junior*. Papa sempre corrigia as pessoas: “Ele não é porra nenhuma de Junior.” Ele achava que me chamar de “Junior” diminuía a nós dois.

Nasci em 25 de setembro de 1968. Minha mãe diz que, assim que nasci, já estava falando. Sempre sorrindo, matraqueando e balbuciando por aí; feliz por estar simplesmente fazendo barulho.

Gigi trabalhava no turno da noite no Hospital Jefferson, em Center City, Filadélfia, por isso cuidava de mim na parte da manhã, enquanto meus pais trabalhavam. Sua casa tinha uma varanda enorme, que era meu lugar na primeira fila para o teatro da North Fifty-Fourth Street e também palco, no qual eu podia participar da cena. Ela me colocava naquela varanda e observava enquanto eu tagarelava com qualquer um que passasse. Mesmo naquela idade eu já amava ter uma plateia.

Meus irmãos que são gêmeos, Harry e Ellen, nasceram no dia 5 de maio de 1971. E contando a Pam de Mãe-Mãe, passamos a ser seis pessoas debaixo do mesmo teto.

Felizmente, o empreendedor de North Philly que havia dentro de Papa estava em sua melhor forma. Ele tinha deixado de consertar refrigeradores para instalar e fazer a manutenção de geladeiras e freezers em grandes supermercados. Os negócios estavam indo de vento em popa — estavam expandindo para os bairros residenciais vizinhos, além de Philly. Meu pai montou uma frota de vans e contratou uma equipe de técnicos de refrigeração e eletricitas. Alugou também um pequeno prédio para usar como base de operações.

Papa estava sempre na atividade. Eu me lembro de um inverno particularmente gelado, quando a grana começou a apertar e ele resolveu

aprender, por conta própria, a consertar aquecedores movidos a querosene, que estavam bombando em Philly naquela época. Então meu pai espalhou um monte de cartazes anunciando seus serviços, e as pessoas começaram a trazer aquecedores quebrados. Papa acreditava que, assim que consertasse um aquecedor, precisaria testá-lo por alguns dias, para garantir que estava funcionando. A qualquer hora em nossa casa você encontrava cerca de dez ou 12 aquecedores movidos a querosene “sendo testados pela qualidade do serviço”. Tantos aquecedores facilmente dariam conta de esquentar uma casa de três andares, mesmo no mais frio dos invernos. Por isso, Papa cancelou o nosso fornecimento de gás, manteve a família aquecida durante o inverno *e ainda foi pago por isso*.

Quando eu tinha uns 2 anos, os negócios de Papa estavam indo bem e ele comprou um imóvel a dois quilômetros da casa de Gigi, num bairro de classe média em West Philly chamado Wynnefield.

Cresci na avenida Woodcrest, no 5.943, uma rua arborizada com trinta casas de tijolos num tom terroso, todas geminadas. A proximidade física das casas cultivava um forte sentimento de comunidade. (O que também significava que, se o seu vizinho tivesse baratas, você também teria.) Todo mundo se conhecia. Para uma jovem família negra dos anos 1970, esse era o ápice do sonho americano.

Do outro lado da rua ficava a Escola de Ensino Fundamental Beeber e a sua majestosa área de lazer de concreto. Basquete, beisebol, meninas pulando corda. Os mais velhos saindo no tapa. E assim que começava o verão lá se ia a tampa do hidrante. Nosso bairro tinha muitas crianças, e passávamos o tempo todo brincando na rua. Numa distância de noventa metros da minha casa viviam quase quarenta crianças da minha idade. Stacey, David, Reecie, Cheri, Michael, Teddy, Shawn, Omarr e assim por diante — e nem estou contando os irmãos ou as crianças dos outros quarteirões. (Stacey Brooks é minha amiga mais antiga no mundo. Nos conhecemos no dia em que minha família se mudou para a Woodcrest. Eu tinha 2 anos e ela 3. Nossas mães empurraram nossos carrinhos na direção um do outro e nos apresentaram. Aos 7 anos eu estava apaixonado por ela. Mas ela estava apaixonada por David Brandon, de 9 anos.)

Os tempos eram bons e o povo evidentemente estava transando... e muito.

Minha criação de classe média contribuiu para as críticas que recebi no início da minha carreira no rap. Eu não estava no mundo do crime e não vendia drogas. Cresci numa rua legal e meus pais eram casados. Frequentei até os meus 14 anos uma escola católica na qual a maioria dos alunos era branca. Minha mãe tinha ensino superior. E, apesar de todos os seus defeitos, meu pai sempre colocava comida na mesa e teria preferido morrer a abandonar os filhos.

Minha história era muito diferente daquelas contadas pelos jovens negros que estavam lançando o fenômeno que mais tarde se tornaria o hip-hop. Na cabeça deles, eu não era um artista legítimo; me chamavam de “fraco”, “tosco”, “brega”, um “rapper modinha”, críticas que me enfureciam violentamente.

Olhando para trás, me dou conta de que talvez estivesse exagerando um pouco, mas a razão de eu odiar tanto aquelas críticas era porque eles, sem saber, estavam cutucando aquilo que eu mais odiava em mim mesmo — a sensação de ser um covarde.

Papa via o mundo como se fosse organizado em comandantes e missões, uma mentalidade militarista que norteava cada aspecto da sua vida. Comandava a nossa família como se fôssemos um regimento num campo de batalha, e como se a casa na Woodcrest fosse o nosso quartel. Não pedia para limparmos o quarto ou arrumarmos a cama — ele dava comandos: “Policie a sua área.”

No seu mundo não havia nada que fosse “pouca coisa”. Fazer o dever de casa era uma missão. Limpar o banheiro era uma missão. Fazer as compras no supermercado era uma missão. E esfregar o chão? Não era apenas esfregar o chão — tinha a ver com a capacidade de seguir ordens, demonstrar autodisciplina e completar uma missão com a mais absoluta perfeição. “Noventa e nove por cento é o mesmo que zero” era uma das frases que ele mais gostava de dizer.

Se um soldado falhasse em sua missão, ela precisava ser repetida até a perfeição. Desobedecer a um comando significava enfrentar a corte marcial, e a punição geralmente vinha na forma de um cinto no traseiro sem roupa. (Ele dizia: “Tire as calças, eu não vou bater nas roupas que comprei.”)

Na cabeça do meu pai, tudo era questão de vida ou morte. Ele estava preparando os filhos para que prosperassem num mundo cruel — um mundo que ele via como caótico e brutal. Educar pelo medo era — e ainda é, até certo ponto — uma tática parental frequente na comunidade negra. O medo é abraçado como necessário para a sobrevivência. É uma crença amplamente aceita para proteger as crianças negras, elas precisam temer a autoridade parental. Educar pelo medo é visto como um ato de amor.

No dia 13 de maio de 1985, Papa foi até nossos quartos e nos mandou ficar abaixados no chão. A alguns quilômetros da Woodcrest, o Departamento de Polícia da Filadélfia tinha acabado de jogar duas bombas num bairro residencial. Dava para ouvir o fraco *ra-tá-tá-tááá-ra-tá-tá-tááá* dos disparos automáticos. Cinco crianças e seis adultos morreriam naquele dia, que ficou conhecido como o Bombardeio do MOVE. Dois quarteirões inteiros — 65 casas — foram completamente queimados e destruídos.

Os noticiários pareciam sempre reforçar o ponto de vista do Papa. Sua metodologia era baseada em nos treinar física e mentalmente para lidar com as inevitáveis adversidades da vida, mas o que ele criou sem se dar conta foi um ambiente de tensão e ansiedade constantes.

Eu me lembro de uma tarde de domingo, Papa estava tirando um raro dia de folga e sentado na sala assistindo à TV. Ele me chamou:

— Ei, Will!

Respondendo com atenção e rapidez, falei:

— Sim, papai?

— Corre lá no Sr. Bryant e pegue um maço de Tareyton 100 pra mim.

— Sim, senhor!

Ele me deu cinco dólares e fui para a lojinha da esquina. Eu devia ter uns 10 anos na época, mas isso foi nos anos 1970, quando os pais podiam mandar os filhos comprar cigarros.

Corri direto até a loja do Sr. Bryant sem parar. Totalmente sem fôlego, um soldado perfeito.

— Oi, Sr. Bryant, meu pai me mandou pegar os cigarros dele.

— Como você está, Will? — cumprimentou o Sr. Bryant. — Eles não chegaram hoje... fala pro Papa que devem chegar amanhã. Vou guardar um maço pra ele.

— Certo, obrigado, Sr. Bryant. Vou avisar.

Ainda um bom soldado, fui para casa. No caminho de volta, encontrei David e Danny Brandon, que tinham arranjado um negócio esquisito chamado bola de futebol americano Nerf. Era uma bola de futebol americano, só que macia.

Qualquer soldado teria parado.

Aquele negócio era *incrível* — eu me perdi na engenhosidade daquele objeto. *Você pode arremessá-la no inverno, e não vai machucar os dedos se você pegá-la! Você poderia perder o lance, ela poderia até bater na sua cara, e ficaria tudo bem!* Um minuto virou cinco, e então cinco se tornaram dez, dez se tornaram vinte... De repente, David e Danny congelaram. Os olhos deles travaram por cima do meu ombro.

Eu me virei e senti o estômago apertar. Papa, sem camisa, andando no meio da rua vindo na minha direção.

— QUE DIABOS VOCÊ TÁ FAZENDO?

Danny e David evaporaram. Tentei me explicar depressa.

— Papai, o Sr. Bryant falou que os cigarros não chegaram...

— O QUE EU TE MANDEI FAZER?

— Eu sei, papai, mas eu...

— QUEM ESTÁ NO COMANDO?!

— O quê...?

— QUEM ESTÁ NO COMANDO?! VOCÊ? OU EU?

Meu coração batia forte no peito, minha voz tremia:

— Você, papai...

— PORQUE SE DUAS PESSOAS ESTIVEREM NO COMANDO, *todo mundo morre!* ENTÃO, SE VOCÊ ESTIVER NO COMANDO, ME AVISE, PORQUE EU VOU SEGUIR A SUA LIDERANÇA!

As narinas dele estavam dilatadas, a veia na têmpora esquerda pulsando loucamente, os olhos dele incendiando a minha frágil inocência de 10 anos de idade.

— Quando eu te mandar numa missão, há duas possibilidades... primeira, você completa a missão. Ou a segunda: VOCÊ. ESTÁ. MORTO. Você entendeu?

— Sim, papai.

Papa me segurou pela nuca e me arrastou para casa.

Eu não achei que merecesse uma sova por causa daquilo. Na maior parte das vezes que apanhei na infância não achei que merecesse. Parecia injustiça. Não era o tipo de criança que precisava apanhar. Sempre queria agradar. David Brandon precisava de uma sova. Matt Brown precisava de uma sova. Quando eu me metia em encrenca, geralmente era porque estava distraído — me esquecia de alguma coisa ou minha mente viajava. Acho que a punição física na minha infância só me convencia de que eu era uma pessoa ruim.

O medo constante que sentia durante a infância aguçou a minha sensibilidade para todos os detalhes ao meu redor. Desde muito cedo desenvolvi uma intuição afiada, uma habilidade para me conectar com as emoções à minha volta. Eu aprendi a perceber raiva, prever alegria e entender tristeza melhor do que a maioria das crianças.

Reconhecer essas emoções era crucial e determinante para a minha segurança pessoal: um tom na voz do Papa, uma pergunta direta da minha mãe, um espasmo no olho da minha irmã. Eu processava essas coisas de modo rápido e intenso — um olhar perdido ou palavra mal interpretada poderia logo se transformar num cinto na bunda ou num soco na cara da minha mãe.

Papa tinha um porta-chaves de couro preto preso ao seu cinto de utilidades com cerca de trinta chaves, o que para mim servia como um alarme. No segundo em que ele passava pela porta, era possível ouvir as chaves balançando e perceber quando as guardava na bolsinha delas e as devolvia à cintura. Eu fiquei tão antenado que podia adivinhar o humor dele pelo ritmo e intensidade com que ele mexia nas chaves. Meu quarto ficava no topo da escada, de frente para a porta de entrada. Quando ele estava de bom humor, as chaves sacudiam sem esforço, como se fossem mais leves que o normal. Quando ele estava irritado, eu podia perceber a pressão que ele colocava ao reatá-las na cintura.

E quando estava bêbado as chaves não faziam diferença.

Essa prontidão emocional ficou comigo pelo resto da vida. Paradoxalmente, ela me ajudou bastante como ator e artista. Eu conseguia reconhecer, compreender e emular emoções complexas com facilidade, bem antes de saber que poderia ser pago para fazer isso.

Meu pai nasceu pouco depois da Grande Depressão. Era uma criança negra e pobre que vivia nas ruas de North Philly, na década de 1940. Estudou basicamente até o ensino médio. Ainda assim, ao longo da vida, construiu um negócio com uma dúzia de funcionários e sete vans, vendendo 14 toneladas de gelo todos os dias para mercearias e supermercados em três estados. Passava semanas sem tirar um dia de folga, décadas sem tirar férias. Minha mãe se lembra de Papa voltando para casa no meio da noite, largando milhares de